

MARIA LAET
pela superfície
15 NOV 2013 – 11 JAN 2014

O Eu e o Outro – Impulso, Relação, Fronteira.

Parece ser que na *espuma delicada* que um qualquer *gesto* deixa gravado nas *vastas hostes da memória*, habita ainda - remotamente congelada -, a intenção inicial e clara desse *primeiro impulso*. Mas esta *primeira acção* encontra-se agora, também, já *reunida* e unificada com o seu *percurso incerto*: com o efeito que o seu próprio *corpo activo* fez no mundo. Assim, a superfície que acolhe mas também transforma essa intenção/mensagem numa outra *coisa já corporizada* - essa clara fronteira que separa mas também dá expressão -, não só determina e viabiliza, como interpenetra e adultera, sempre, a acção primeira, a original, inicial.

(A *fronteira*/distância exterior é também *tela e superfície*: como duas personagens disponíveis e perversas de uma só *potência*, reinando sempre, condicionantes e absolutas.)

Esta fusão/metamorfose incontornável - de um *meio/suporte* a condicionar e a integrar qualquer conteúdo, objecto ou *mensagem* -, sublinha a eterna e primordial separação entre o Sujeito e o Mundo, a emoção e a palavra, a ideia e a acção, o Eu e o Outro. Mas claro, este *palco transformador* é também, como bem sabemos, o eficaz e imprescindível *mensageiro imediato* do mundo *físico*: o que une e aproxima essas duas fundamentais *dimensões* do real. Duas *potências* que estariam - julgamos nós -, de qualquer outra forma, eternamente divorciadas. E assim afastadas: numa distância longínqua e cristalizada, sem apelo, caminho, possibilidade; ou concreta saída ou solução, de encontro conjunto ou de expressão.

Então, será *Pela Superfície* - nela, mas sobretudo *através* dela -, numa valorização poética e *de facto* do paradoxo cruel da relação entre a *forma* e o *conteúdo*; na aceitação crítica - profundamente criativa mas também *resignada* e contemplativa - dessa *limitação condicionante*; que improvisaremos encontros e discursos, olhares e relações, criações e respostas. Assim, projectaremos a nossa vontade maior no mundo: em espirais de intenção, força e beleza, de alcance e efeito incerto mas real. Como sementes nascendo soltas num campo aberto, na paisagem maior e condicionante, de uma larga *natureza impura*.

Então, em ensaios feitos num *teatro nosso* que também queremos verdadeiro, pois íntimo - de troca, dádiva, entrega e expressão -, olhamos, por vezes surpresos ou deslumbrados, como se define *noutra forma* a nossa palavra; como se lê diverso o nosso gesto; como se recebe alterada e gasta a nossa acção.

Seja objectivamente - na própria *superfície*/suporte físico que lhe atribui e acolhe o *corpo* -, seja no indivíduo outro que nos escuta e olha, atento e disponível, lendo, interagindo. O mundo, o *fora*, é a resposta totalizada do que investimos, sentimos, e mais lhe entregamos.

E é então também sobre tudo isto que trabalha e discorre Maria Laet, em processos diversos e delicados dos quais por vezes apenas nos revela o *breve efeito* ou resultado; na enigmática e subtil delicadeza de quem partilha, bem devagar, um segredo maravilhoso, precioso, e só seu.

Aqui encontramos assim, em *pela superfície*, alguns *elementos activos* que atravessam o curioso processo de *fazer* da artista, e que vão habitando o seu trabalho - diversamente expressado em várias disciplinas, meios e práticas performáticas. Estas obras são como que meras *manifestações* surgidas de um único criar, experimental, aberto e dedicado; e em que o suporte - a superfície -, simboliza e encarna a *soma pragmática* resultante dessa interacção e *conversa*, numa *intersecção final*, orgânica e bem viva. Na transversalidade que se revela neste conjunto, reconhecemos uma prática poética delicada e minuciosa, o contemplativo reconhecimento da beleza orgânica dos elementos, vestígios claros mas distantes da memória, e uma temporalidade lenta, intensa, e espessa

Apetece nalguns casos entrever a acção que levou à obra, como em *Sem Título (Série Diálogos, Sopro)*, resquícios de encontros a dois com tinta preta a servir de *veículo*; ou em *Sobre o que não se contém*, percurso afundado e transbordante de uma linearidade suja e questionada em *dentro e fora*. Mas é de facto sobre o que fica, sobre o silêncio depois do gesto, sobre a marca depois do toque, sobre o eco mudo da palavra escrita, sobre o que se toca, e se funde, e se separa depois, devagar, que navegamos ao percorrer estas obras.

Na rigorosa formalidade do seu processo, que incorpora claramente feitos e elementos da mais *incontornável exterioridade*, a artista realiza um fundamental *afundamento/encontro* na sua mais *intima realidade*. Através de acções e propostas bem concretas, mas poéticas e *libertadas*; através da projecção de uma vontade firme e consciente - mas curiosa, aberta e disponível -, e bem sabedora da sua muito *natural mutação pragmática*, de uma sempre inevitável chegada a *uma outra realidade*, já realizada.

Através da Superfície vamos chegando devagar a um âmago importante qualquer das coisas, dos gestos, das poucas palavras que perdemos e possuímos, escorregadios verbos de mais a cantar tão pouco. E nos resquícios que ainda sobram e se erguem devagar das sombras nos revemos, encontrando nessa mirada a cor verdadeira do que ficou por demais fazer, repetição ilusória e fraca de uma memória preta e baça, como as palmas de duas mãos perdidas, juntas, bem no centro de um espaço em branco.

Jorge Emanuel Espinho, 2013